

Construções com o verbo “chegar”: usos e possíveis interrelações sob a perspectiva construcional

Constructions with the verb “chegar”:
uses and possible interrelations from a construcional perspective

Emanuel Cordeiro da Silva¹
Tais Siqueira do Nascimento²
Vitor Gabriel Silva de Santana³

Resumo: No seu uso mais prototípico, o “chegar” caracteriza-se, semanticamente, por expressar deslocamento físico e, sintaticamente, como monoargumental acompanhado de sintagma adverbial, a exemplo de: *Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro* (Correio Braziliense, 29/04/2024). Contudo, nas interações cotidianas, podem ser observadas instanciações diferentes: *ele é tão lindo que chega a doer* (Rede X, 10/04/2024). Tendo isso em vista, este estudo investiga usos de construções com o verbo “chegar” associado a outro verbo e busca tecer possíveis interrelações. Para tanto, são adotados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. A gramática da língua é concebida como um sistema adaptativo complexo emergente das práticas discursivas (Hopper, 1987), sendo a construção, como pareamento de forma e sentido, tomada como sua unidade básica (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott e Trousdale, 2021[2016]). O *corpus* da pesquisa é composto por 131 construtos coletados da rede social X (*Twitter*) e do Projeto Norma Urbana Culta - NURC/Recife. A análise das ocorrências observou a atuação de fatores semântico-cognitivos e pragmáticos na arquitetura das construções. Os resultados apontam para possíveis interrelações entre as construções com “chegar” motivadas pela proximidade conceptual das categorias deslocamento, resultatividade e ênfase.

Palavras-chave: Chegar. Construções. Resultatividade. Ênfase. Funcionalismo

Abstract: In its most prototypical use, "chegar" (to arrive) is characterized semantically by expressing physical movement and syntactically as monoargumental accompanied by an adverbial phrase, as in: "Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro" (Correio Braziliense, 29/04/2024). However, in everyday interactions, different instantiations can be observed: "ele é tão lindo que chega a doer" (Rede X, 10/04/2024). Taking this into account, this study investigates uses of constructions with the verb "chegar" associated with another verb and seeks to weave possible interrelations. To this end, the theoretical assumptions of Usage-Based Functional Linguistics are adopted. The grammar of the language is conceived as a complex adaptive system emerging from discursive practices (Hopper, 1987), with the construction, as a pairing of form and meaning, taken as its basic unit (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott and Trousdale, 2021 [2016]). The research corpus is composed of 131 constructs collected from the social network X (Twitter) and the Projeto Norma Urbana Culta - NURC/Recife. The analysis of the occurrences observed the influence of semantic-cognitive and pragmatic factors in the architecture of the constructions. The results point to possible interrelations between constructions with "chegar" motivated by the conceptual proximity of the categories of movement, resultativity and emphasis.

Keywords: Chegar (to arrive). Constructions. Resultativity. Emphasis. Functionalism.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras. Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: emanuel.csilva@ufpe.br.

² Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras. Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: taiis9952@gmail.com.

³ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras. Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: vitor.ssantana@ufpe.br.

Introdução

Em seu uso mais prototípico, o verbo "chegar" caracteriza-se, semanticamente, por expressar uma ideia de deslocamento físico e, sintaticamente, como monoargumental acompanhado de sintagma adverbial, a exemplo de: "Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro" (Correio Braziliense, 29/04/2024). Entretanto, nas interações comunicativas cotidianas, podem ser observadas instanciações diferentes desse uso mais prototípico, como em: "ele é tão lindo que chega a doer" (Rede X, 10/04/2024). Nesse caso, o "chegar" não codifica deslocamento físico nem se apresenta com a arquitetura sintática mencionada.

Tendo isso em vista, neste trabalho, investigamos usos de construções com o verbo "chegar" associado a outro verbo e buscamos tecer possíveis interrelações. Para tanto, selecionamos constructos coletados da rede social X (*Twitter*) e do Projeto Norma Urbana Culta - NURC/Recife, abrangendo, assim, tanto dados de língua escrita quanto falada. A escolha das duas fontes de dados se deu pela natureza das construções investigadas: são típicas da fala. O *corpus* NURC/Recife é de língua falada, e a forma de escrita da rede X a aproxima da modalidade falada informal, o que propicia o uso das construções estudadas. Foram coletadas 131 ocorrências, sendo 18 do *corpus* NURC/Recife e 113 da rede X.

Em nossos procedimentos de análise, observamos aspectos formais e funcionais das construções. Do ponto vista formal, consideramos: a presença de preposições entre os verbos, a flexão dos verbos e a presença do sujeito do "chegar". Quanto à funcionalidade, consideramos: a ideia de deslocamento (se concreto ou abstrato), a existência de relação de causa-consequência, o sentido da meta (se concreto ou abstrato) e a intenção comunicativa.

Para a fundamentação teórica da análise, foram adotados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Sob essa perspectiva, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, sendo a gramática vista como emergente das práticas discursivas (Hopper, 1987). Com base nessa perspectiva, admitimos a construção, compreendida como pareamento de forma e sentido (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott e Trousdale, 2021[2016]), como a unidade básica da língua. Nesse sentido, diferentemente dos estudos arrolados na revisão de literatura, nossa investigação não tomou o verbo "chegar" como item, mas, sim, como parte integrante de uma unidade sintático-semântica maior: a construção.

O presente artigo se encontra organizado da seguinte maneira: na primeira parte, apresentamos uma revisão da literatura sobre o verbo "chegar"; na segunda seção, os pressupostos teóricos admitidos; na terceira, a análise dos dados; e, por fim, as considerações finais.

Abordagens anteriores

No *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, Borba (1990) indica cinco possibilidades de significação para o verbo *chegar*: ação-processo, processo, ação com sujeito agente, estado e auxiliar precedido de "a" + infinitivo. Nesse último caso, destaca que o verbo "chegar", como auxiliar, indica aspecto resultativo, como exemplificado em: "chegou mesmo a hesitar" e "Mas o silêncio dela [mamãe] chegou até angustiar".

O *Dicionário Houaiss* (2001) também apresenta diversas significações do verbo "chegar". É dito que pode ser utilizado para indicar a conclusão de uma trajetória, seja de ida ou vinda, como em: "Chegou hoje da Europa" e "o avião chegou antes da hora". É dito, ainda, que pode ser empregado para expressar o alcance ou o toque de um ponto específico no espaço ou no tempo, como em: "a menina chega até o ombro do pai". Sobre a relação do "chegar" com outro verbo, o *Dicionário Houaiss* (2001) registra ter valor aspectual, funcionando como verbo auxiliar para indicar que a ação do verbo principal resulta de ações anteriores não especificadas e/ou quando há uma avaliação por parte do falante em relação ao fato enunciado, como em: "tem tanto medo do pai que chega a tremer quando entra em casa".

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004) apresenta as seguintes definições para "chegar": 1ª chamada severa, repreensão, reprimenda; chegada, chegadela, cheganço. 2ª citação do devedor para comparecer ao juízo; chegamento. 3ª quantia paga ao chegador. 4ª não é preciso mais; basta. Traz também considerações sobre os usos no PB, no qual as pessoas usam informalmente como *expletivo*, como "inclusive" e "até", ou seja, com a função de enfatizar aquilo que será dito a seguir, a exemplo de "a menina chega chorou".

No *Dicionário de uso do Português do Brasil*, Borba (2006) enumera diversos usos do verbo "chegar", como complemento de uma ação-processo com complemento de direção, complemento de lugar, processo e complemento + a/até + nome locativo, entre outros. O autor também explana sobre o uso do verbo "chegar" como auxiliar + a + verbo no infinitivo, para indicar aspecto conclusivo, como exemplificado em: "o silêncio dela chegou mesmo a angustiar".

Em *Metáfora e gramaticalização: Um estudo do verbo "chegar"*, Pena-Ferreira (2009) busca analisar variadas ocorrências de uso do verbo "chegar" para além da sua realização mais prototípica. A autora tomou como aporte teórico a influência direta dos processos de metáfora e metonímia no processo de gramaticalização, sobretudo as noções de esquemas imagéticos citados por Lakoff e Johnson (1980), responsáveis pela noção de metáforas conceptuais. A pesquisa é concluída afirmando que o verbo "chegar" tem sido utilizado pelos falantes de diversas maneiras no discurso, sobretudo sendo submetido a processos que expressam domínios mais abstratos.

No artigo *O processo de auxiliaridade do verbo “chegar”: um olhar funcionalista*, Pena-Ferreira (2009) aplica critérios sintáticos e semânticos para atestar o comportamento do verbo como auxiliar. Diante dos aspectos sintáticos e semânticos observados, a autora pontua que o verbo “chegar” estaria afastado de um verbo auxiliar prototípico, por não atender a todos os critérios da pesquisa.

Em *Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte*, Fortunato (2011) apresenta os aspectos da estrutura do verbo “chegar” em dois níveis: semântico e sintático. No que se refere aos aspectos semânticos, é levada em consideração a perda do sentido prototípico do verbo “chegar” (deslocamento físico), passando a estar mais no domínio da cognição, representando, assim, um deslocamento metafórico. Já com relação ao domínio sintático, a partir do momento em que o verbo se junta a uma parte verbal, ele se gramaticaliza, transmitindo informações sobre aspecto e estado das coisas.

Na dissertação *Valores lexical e gramatical do verbo chegar*, de Marques (2010), foi analisada a predicação do verbo “chegar” e os argumentos utilizados. A autora constata que o verbo pode ser monovalente, bivalente ou até mesmo impessoal. Ademais, analisando o “chegar” em perífrases verbais chegar a + infinitivo ou chegar + infinitivo, a autora não o considera auxiliar, e sim semi-auxiliar, pois, segundo ela, exerce um valor de auxiliar semântico. Nesse caso, todos os usos são considerados resultativos.

No artigo *Chegou aqui... chega delirava! Usos do verbo chegar no português falado do Brasil – indícios de gramaticalização*, de Rauber e Ribeiro (2012), os autores tomaram como *corpora* amostras de fala do português paulista e do português falado na cidade de Goiás, um composto por dados de falantes com alto grau de escolaridade; e o outro, por dados de falantes menos escolarizados. Segundo os autores, a capacidade criativa de empregos diversos com o “chegar” está mais presente em falas do português popular de Goiás, em construções como “chega dói” ou “chega delira”, já que, por serem falantes com baixo grau de escolaridade, estariam mais alheios às normas gramaticais prescritas pela tradição, que certamente já havia sido internalizada pelos falantes do português paulista.

Em *Os sentidos do verbo chegar: um estudo comparativo entre as falas do português Popular e do Português culto*, de Santos, Silva e Sousa (2015), as autoras dizem que, pela insuficiência de dados, não é possível fazer uma afirmação tão precisa a respeito do verbo *chegar* como auxiliar, mas que, diante do que foi analisado, é possível observar que a auxiliaridade se mostra mais produtiva nos usos de falantes do Português popular. No entanto, mesmo diante da incipiência da pesquisa, é afirmado que, por mais que o verbo “chegar” tenha a potencialidade de atuar como auxiliar, seus usos não esvaziam o seu valor semântico mais prototípico, que seria o de deslocamento de um ponto de partida X para atingir um ponto Y.

No texto *Gramaticalização do item linguístico chegar: analisando um verbo de/em movimento no Português*, das autoras Rocha e Sousa (2019), o verbo é investigado em sua trajetória do uso [+ concreto] > [+ abstrato] em perífrases do tipo [V1 (e) + V2], em que V1 é o verbo chegar e V2 o verbo principal. Pensando na abstratização do verbo, as pesquisadoras chegaram às seguintes conclusões: “1. O uso de “chegar” para indicar movimento já nasce de um processo cognitivo, quer seja, analogia ou reanálise, a depender do autor que se busque; 2. Em seu caminho rumo à gramaticalização, o verbo “chegar” vem admitindo novos usos em diferentes níveis de abstratização.” (Rocha e Sousa, 2019, p. 145).

Pressupostos teóricos admitidos

Para a fundamentação da análise, são adotados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), perspectiva que se constrói a partir da integração do Funcionalismo norte-americano com a Gramática de Construções (GC). De acordo com Neves (2022), a Linguística centrada no uso nasce da necessidade de realizarmos uma ligação íntima entre a estrutura linguística e seu uso, uma vez que a estrutura da língua emerge dos eventos comunicativos. Tendo isso em vista, a LFCU ocupa-se da emergência da língua nas práticas discursivas, investigando a gramática na sua interface com aspectos semântico-cognitivos e semântico-pragmáticos.

Assim, à luz da LFCU, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, porque a sua gramática se (re)faz dentro das práticas discursivas (Hopper, 1987). Nesse sentido, a gramática é compreendida como um conjunto de padrões estruturais relativamente estáveis, convencionalizados e simbólicos, que são utilizados na produção de discursos, padrões esses motivados por fatores cognitivo-funcionais (Cezário e Cunha, 2013). Assim sendo, a gramática é vista como um sistema emergente de estruturas fluidas que estão em constante reestruturação e reorganização (Neves, 2022).

Nessa visão, o discurso é compreendido como a construção e a troca (inter)subjéctiva de sentidos, abrangendo estratégias sociopragmaticamente orientadas dentro de uma determinada situação comunicativa. Dessa maneira, o discurso constitui qualquer instância autêntica de uso da linguagem em um contexto de interação verbal (Cezário e Cunha, 2013). Nesse sentido, discurso e gramática apresentam uma relação intrínseca.

Com essa visão, Bybee (2016 [2010]) afirma que a língua, para suprir as necessidades sociocomunicativas, é uma estrutura fluida, que tem padrões regulares, padrões mais ou menos regulares e outros que estão em constante emergência. Cezário e Cunha (2013) apontam que, devido a essa natureza de relativa estabilidade da língua, a LFCU concentra-se em investigar a interdependência entre forma e função, com o intuito de encontrar, nos textos produzidos em situações reais de interação, subsídios que tragam explicações para a codificação morfossintática.

Na investigação da relação entre gramática e uso, a construção, como pareamento de forma e sentido (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Bybee, 2016 [2010]), é tomada como unidade básica da língua, sendo o sistema linguístico visto como uma rede de relações entre construções. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2016]), uma possível representação da construção seria $[[F]] \leftrightarrow [[S]]$, também chamada de modelo base, em que F é abreviatura de Forma e S a abreviatura de significado. Pensando nas redes de construções, os autores afirmam que podemos identificar dois princípios fundamentais por trás da gramática de construções: a) um pareamento de estruturas e significados complexos e b) associação desses pareamentos em uma rede.

Ditos os dois princípios fundamentais que estão presentes na construção, podemos pensar nos elementos constituintes. Uma vez que a forma e o sentido são bases das construções, dentro da forma estão localizados os traços linguísticos: aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Já no plano do sentido, encontramos as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (Croft, 2001). Tendo isso em vista, para o tratamento da construção, Traugott e Trousdale (2021 [2016]) defendem as seguintes propriedades: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, todas gradientes.

De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2016]), a *esquematicidade* está relacionada ao grau de generalização da construção, propriedade da categorização que envolve abstração, apresentando esquemas, subesquemas e microconstruções. Para Bybee (2016 [2010]), a *esquematicidade* envolve posições e o preenchimento delas por uma diversidade de palavras e sintagmas. Os autores concordam que os níveis construcionais – esquemas, subesquemas e microconstruções – não são absolutos, e as relações entre eles podem mudar ao longo do tempo.

A *produtividade*, segundo Traugott e Trousdale (2021 [2016]), tem sido um termo utilizado de diferentes maneiras, mas, para esses pesquisadores, a produtividade pertence a esquemas (parciais) e diz respeito a dois pontos: a extensibilidade da construção, o grau em que sancionam outras construções menos esquemáticas e o grau em que elas são restringidas. A maioria dos trabalhos sobre produtividade ocupa-se das questões de frequência, seja *type* (frequência de tipo, que seria o número de diferentes expressões que um padrão particular tem) e *token* (frequência de ocorrências, número de vezes em que o mesmo elemento ocorre no texto).

A *composicionalidade* está relacionada ao grau de transparência presente no elo entre forma e sentido, ou seja, está relacionada à semântica e à sintaxe composicional. A semântica composicional constrói os significados de expressões maiores com base no sentido de expressões menores, e a sintaxe composicional constitui expressões bem formadas mais complexas recursivamente com base em expressões menores (Traugott e Trousdale, 2021

[2016]). Ademais, quanto mais composicional for uma construção, mais estão conservados os traços originais das subpartes que a compõem (Oliveira, 2022).

Ditas as propriedades das construções e pensando no conceito de língua como sistema cognitivo altamente complexo, podemos analisar quais os tipos de processos que subjazem à estrutura linguística, considerados processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016 [2010]). Entre os processos cognitivos gerais, podemos destacar a *categorização*, *chunking* e *analogia*. Além desses processos, consideraremos a *metáfora conceptual* como fator de motivação funcional.

A *categorização* é um processo do domínio geral utilizado para identificar a similaridade e/ou emparelhamento de identidade que ocorre entre palavras e sintagmas, Bybee (2016 [2010]). Coaduna-se com essa concepção a visão de Duque e Costa (2012), ao afirmarem que a categorização é uma atividade mental que nos permite organizar, em questão de classes, a diversidade de variedades de entidades que estão presentes no ambiente externo, ao formularmos para elas significados particulares, construindo e ordenando a realidade, dando, assim, ordem física e social para o mundo. Essa organização ocorre em duas dimensões: vertical e horizontal, em que a vertical está ligada ao nível da inclusão e a horizontal apresenta as categorias distintas (Abreu, 2010).

Cezário e Cunha (2013) ratificam esses pontos e afirmam que a categorização permeia não somente o mundo físico e social, mas o nosso intelecto, pois compreendemos o mundo não somente em termos de coisas individuais, mas em termos de categorias de coisas, algo que também ocorre no domínio linguístico, visto que da mesma maneira que categorizamos as coisas do universo biofísico, categorizamos as coisas da língua. Essa visão de categorização está assentada na *Teoria dos Protótipos* (TP), que traz inovação à concepção do fenômeno ao postular que as categorias não são estruturas homogêneas (Duque e Costa, 2012). A TP, criada por Rosch (1975), renovou as noções de traço e componente, ao substituí-las por atributos, uma vez que os traços são caracterizados como binários, já os atributos têm efeitos; ao existirem membros mais representativos, existem atributos mais centrais, ou melhor, mais prototípicos que outros.

A *analogia*, de acordo com Bybee (2016 [2010]), é um processo do domínio cognitivo geral que chama a atenção para as convergências estruturais entre dois domínios que são distintos. Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2016]), é importante refletir sobre o pensamento analógico e o mecanismo de analogia, lembrando que o pensamento analógico é uma motivação, e a analogia, como mecanismo, é uma mudança baseada na compatibilidade de um padrão, também chamada de analogização. Cezário e Cunha (2013) explicam que a analogia ocorre quando as comparações têm um elevado grau de similaridade relacional, e, à medida que a similaridade cresce, o processo analógico é reduzido e a comparação faz-se literal.

O conceito de *metáfora conceptual* tem origem na publicação do livro "*Metaphors We Live By*", de Lakoff e Johnson (1980). A partir desse livro, o conceito de metáfora foi repensado, rompendo-se com a ideia de recurso estilístico da linguagem. Segundo Neves (2022), a metáfora conceptual passa a ser vista como entidade do pensamento, um mecanismo natural através do qual podemos conceptualizar as nossas experiências. Nesse processo, compreendemos e legitimamos sociocognitivamente alvos ou domínios menos acessíveis por intermédio de domínios fonte, que são intersubjetivamente mais acessíveis.

Em suma, a LFCU está intimamente interligada à Linguística Cognitiva, partilhando de pressupostos e mecanismos de processamento mental, como a analogia, a metáfora e a categorização. Ademais, tem como objeto de análise as construções, seja em sua virtualidade, ou por construtos, ocorrências empiricamente atestadas. Assim sendo, sob a referida perspectiva, a língua é concebida como sistema adaptativo complexo que está intimamente ligado à interdependência entre cognição e uso.

As construções com “chegar”

Nesta seção, apresentaremos a análise de dados. Primeiramente, ocupar-nos-emos de cada microconstrução identificada e, em seguida, buscaremos sintetizar a conexão existente entre elas por meio da proposição de uma rede construcional.

a) [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] RESULTATIVA

Na sua acepção mais geral e básica, o verbo “chegar” codifica deslocamento físico em direção a um espaço também físico. Tal evento pode ser assim sumarizado: uma entidade, que partiu de algum ponto (origem), percorre um trajeto (trajetória) em direção a um determinado ponto (meta). Todavia, a depender do tipo de movimento expresso, as partes constitutivas do evento diferem quanto à saliência perceptual recebida (Talmy, 1985). No caso do “chegar”, é a meta que é focalizada. A ocorrência em (1) é bastante representativa do evento descrito:

(1) Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro⁴

A ideia de movimento codificada, claramente, envolve deslocamento espacial de um local físico para outro. Trata-se, portanto, de um evento de natureza concreta. No entanto, para além dessa acepção geral e básica, podem ser, facilmente, flagradas ocorrências do verbo em sentido abstrato, tal como se observa em (2) e (3):

⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2024/04/6847305-madonna-chega-ao-brasil-para-show-historico-no-rio-de-janeiro.html>.

- (2) Estou muito feliz por essa renovação. Fazia um tempo em que estávamos negociando com a diretoria e chegamos a um bom acordo. Sempre fui feliz enquanto estive no clube e espero que este seja um grande ano. Vamos Grêmio!⁵
- (3) A carcaça da baleia que chegou à Praia de Imbetiba na noite desta segunda-feira (10) foi enterrada hoje. Biólogos e especialistas estavam no local, recolheram amostras e chegaram à conclusão de que enterrar no próprio local era a melhor solução.⁶

Diferentemente do que ocorre em (1), o “chegar” observado em (2) e (3) não codifica deslocamento físico nem atingimento de um ponto físico. Tanto a trajetória quanto a meta se encontram abstratizadas. Não há ninguém nem nada que se desloca espacialmente para algum lugar concreto. Via processo metafórico, a ideia de deslocamento físico passa a ser conceptualizada como a noção de que uma entidade se encaminha para um determinado desfecho. Nesse sentido, a meta surge também metaforizada, uma vez que o lugar a que se chega não se situa fisicamente, mas, sim, cognitivamente. O local de chegada é, então, abstratamente percebido como ponto de culminância. Em (2), o longo período de negociação com a diretoria do clube resultou na celebração de um bom acordo, e, em (3), a avaliação dos especialistas resultou no entendimento da melhor solução para o enterro do animal.

O processo metafórico subjacente à compreensão da meta como ponto de chegada abstratizado a revela como categoria não discreta. À medida que ela se abstratiza, distancia-se do locativo prototípico, caminhando em direção à noção de resultado/consequência. Observa-se, pois, o entrecruzamento das categorias meta e resultatividade, haja vista que o ponto de chegada passa a ser compreendido em termos de resultado/consequência. Em decorrência disso, no âmbito da construção [(SUJ) CHEGAR S_{adv}], dá-se o licenciamento de itens lexicais diversos, e não somente aqueles cujo referente é local físico, para o preenchimento do *slot* S_{adv} (sintagma adverbial). Na esteira da diversidade lexical licenciada a preencher o referido *slot*, segue a categoria dos verbos, possibilitando, assim, que o “chegar” se relacione sintático-semânticamente com outros verbos dentro do seguinte padrão construcional: [(SUJ) CHEGAR A V_{INF}]RESULTATIVA, conforme exemplificam (4) e (5):

- (4) eu estou com tanta saudade dela hoje que o meu coração chega a doer⁷
- (5) tô assistindo aquele filme o fabricante de lágrimas e que filme ruim da porra KKKKKKKKKKK é tão ruim que chega a ser engraçado⁸

⁵ Disponível em: <https://x.com/soccerfbpa/status/1753452468187373972>.

⁶ Disponível em: https://x.com/macae_noticias/status/1800626541107253454.

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/amandabene/status/1776419629751029877>.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/positionsrep/status/1776421932478402705>.

Como pode ser visto aqui, o S_{adv} dá lugar a um V_{INF} (verbo no infinitivo). Nesse caso, o “chegar” não mais atua como verbo pleno, passando à auxiliarização da forma infinitiva. Contudo, assim como Travaglia (2003), Pena-Ferreira (2008) e Marques (2009), não o consideramos um auxiliar prototípico. Como bem afirmam tais autores, nesse tipo de uso, o verbo “chegar” comporta-se como um quase (ou semi)-auxiliar. Acompanhando Neves (2000) e Travaglia (2003), concebemo-lo, nessa construção, como indicador de implicatividade/resultatividade. Em (4), a dor do coração decorre da saudade tão intensa sentida, e, em (5), a falta de qualidade do filme assistido o faz ser engraçado.

Em ambos os exemplos, a semântica do movimento relaciona-se com a ideia de que determinada situação encaminha determinada entidade a atingir determinado ponto-fim, que, por sua vez, é, além de abstrato, extremo. Daí que a resultatividade codificada se faz acompanhar de valor enfático. Em sentido concreto, o lugar a que se chega é o ponto final/limite do percurso, e isso, por projeção metafórica, foi o que, certamente, possibilitou à ideia de resultatividade fazer-se acompanhada de ênfase. Diferentemente de (2) e (3), as ocorrências de (4) e (5) são subjetivamente mais enfáticas quanto à apresentação do resultado atingido. Entretanto, com base nos dados analisados, verificamos que nem sempre resultatividade e ênfase se encontram associadas, o que nos leva aqui, assumindo posição contrária à literatura revisada, a defender a existência da microconstrução [(SUJ) CHEGAR A V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA, como demonstram os exemplos (6), (7) e (8):

b) [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA

- (6) mas diga mais alguma coisa para eu não conseguir aprender a dançar. eu às vezes um pouco talvez pra mim consolar chego a pensar que saber dançar é uma coisa própria das mulheres ou então de certos espíritos frívolos. (*Corpus* Projeto NURC/Recife).
- (7) Não tenho muita lembrança de ter vivido a emoção de circo na infância não, embora eu saiba e chego até a sentir que o circo é um símbolo é um universo ligado ao mundo da infância e sinto bastante a coisa e entendo mas não tenho muita memória de ter ido ao circo muitas vezes na infância não. (*Corpus* Projeto NURC/Recife).
- (8) chega a ser inacreditável o quanto eu to financeiramente fudida⁹

Nos contextos de uso das ocorrências (6), (7) e (8), não há uma situação da qual um determinado resultado seja decorrente. No exemplo (6), o falante diz pensar que a capacidade de dançar é própria de mulheres ou de espíritos frívolos para consolar-se por não saber dançar, e isso implica dizer que o pensamento referido não é alcançado pelo sentimento de consolo, mas, sim, o contrário. Em (7), o falante diz sentir o circo como símbolo do universo infantil, mas, ao mesmo tempo, diz não o ter experienciado enquanto criança, o que,

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/euthaline/status/1800551595211665656>.

claramente, demonstra a inexistência de uma relação de causa-consequência. De modo semelhante, dá-se a ocorrência de (8), em que “chega a ser inacreditável” está mais para uma caracterização da situação financeira da escrevente do que uma consequência decorrente de tal situação.

Os três exemplos apontam para o desbotamento semântico da noção de resultatividade e a conseqüente especialização da construção como codificadora de ênfase, o que nos leva a admiti-la como outra microconstrução. São ocorrências nas quais o sentido se apresenta menos composicional, isto é, menos transparente, se comparadas às ocorrências (4) e (5), visto que a ideia de alcance de determinado ponto não se dá por relação de causa-consequência. Resultado pressupõe causa, logo não se mostra razoável considerar resultativa a microconstrução instanciadora de (6), (7) e (8). Entretanto, isso não quer dizer que a microconstrução aqui considerada não-resultativa não carregue nenhum aspecto semântico da noção de resultatividade. Do ponto de vista cognitivo, no frame resultatividade, encontra-se implicada a noção de ‘acontecimento’, e tal noção se faz presente nos usos da microconstrução não-resultativa. Nesse sentido, em (6), (7) e (8), os falantes e a escrevente expressam acontecimentos como forma de enfatizar aquilo que afirmam.

Embora não seja o propósito investigativo da presente pesquisa nem os *corpora* utilizados permitam o mapeamento de processos de mudança construcional, tal como postulam Traugott e Trousdale (2021[2016]), os dados analisados sugerem que foram os usos da microconstrução não-resultativa que favoreceram a maior integração sintático-semântica do verbo “chegar” com o verbo por ele auxiliarizado e a erosão da preposição “a”, levando à emergência das microconstruções [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] e [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}], das quais trataremos mais adiante. Por enquanto, retomemos o exemplo (7) e observemos os exemplos (9) e (10):

- (9) chega até a ser piada dulce receber hate pq trabalha diferente de uns aí, ela é o que eles querem que a fav seja¹⁰
- (10) Ai sonser é um bicho sequelado msm, né? Tipo, NUNCA, eu repito, NUNCA, a Luisa será maior que a Anitta, chega até ser uma piada esta comparação. A Anitta colocou TODAS as faixas do “Funk Generation” no top 50 sendo elas em inglês e espanhol, sem precisar de polêmicas, tá?¹¹

Nos exemplos (7) e (9), podemos observar, além da preposição “a”, a presença da preposição “até” como reforço da ênfase expressa pela microconstrução. Conforme já dito, em sentido concreto, o ponto de chegada corresponde ao término do percurso, ou seja, ao

¹⁰ Disponível em: <https://x.com/whylento/status/1661338220926312448>.

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/Noahnitto/status/1784219672537096660>.

ponto máximo onde se vai, e isso, metaforicamente, serve de ancoragem para a conceptualização da noção de ênfase. Não é, pois, por acaso, que a preposição “até” é a recrutada para reforçar o valor enfático da microconstrução. Na semântica da preposição “até”, acha-se fortemente implicado o sentido de ponto máximo delimitador de uma trajetória, e, assim sendo, a presença simultânea das duas preposições se faz motivar iconicamente pelo subprincípio da quantidade (Ungerer; Schmid, 1996; Delbecque, 2006). Tanto o falante de (7) quanto o escrevente de (9) recorrem à utilização de mais material linguístico para a expressão de maior ênfase.

Já no exemplo (10), como pode ser verificado, ocorre apenas a presença da preposição “até”, o que, apesar do menor número de ocorrências (8/131), aponta para usos da microconstrução não-resultativa nos quais, paradigmaticamente, a escolha da preposição “até”, em vez da preposição “a”, é preferida por conferir maior explicitude à função enfática da construção. Embora a pesquisa não tenha se ocupado de aspectos da realização sonora, consideramos que, provavelmente, o uso do “até”, seja sozinho ou concomitante à preposição “a”, faz-se acompanhar de diferença prosódica. Além disso, é importante ressaltar que a análise do “até” na microconstrução considerada não-resultativa não implica a negação da possibilidade de ocorrência da preposição na microconstrução resultativa, pois, como já abordado, no fenômeno, resultatividade e ênfase estão associadas, porém não houve registro desse tipo de ocorrência nos dados analisados.

Apesar de mais comum na língua falada (Marques, 2009), nossos dados de escrita, devido ao alto grau de proximidade que possuem com a fala informal, registram ocorrências (9/131) sem o uso de nenhuma das duas preposições:

(11) ele é TAO lindo nesse clipe que chega ser sacanagem¹²

(12) Inacreditável Natuza ou Willam Bonner fazem de tudo pelo poder chega ser cruel, não enxerga ética, sexo e cor, como já disseram "vendem até a alma pelo poder". Parabens SBT!¹³

Como pode ser observado, nos exemplos (11) e (12), a microconstrução instancia-se sem a presença de preposição para o estabelecimento de relação sintático-semântica entre o “chegar” e o verbo ao qual ele se associa. A variação construcional, tal como já afirmado para o fenômeno de mudança construcional, não é objeto de investigação da presente pesquisa, porém, dentro dos limites analíticos aqui assumidos, consideramos [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} V_{INF}] aloconstrução (Cappelle, 2006) da microconstrução [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA.

¹² Disponível em: <https://twitter.com/peachestyles/status/1776094876624449979>.

¹³ Disponível em: https://twitter.com/pergunte_se/status/1788359624397058200.

Nos padrões construcionais apresentados, as preposições “a” e “até” indicam direcionamento para um ponto de chegada, seja ele físico ou abstrato. Contudo, se o ponto de chegada metaforicamente abstratizado já não se constitui prototipicamente como meta, na microconstrução não-resultativa, a ausência de relação de causa-consequência distancia ainda mais o verbo preenchedor do *slot* V_{INF} do protótipo de meta. Parece-nos, então, razoável a hipótese de que ocorrências da construção sem preposição seja favorecida pela perda de composicionalidade. A não-resultativa, conforme já dito, é mais semanticamente opaca quanto à noção de meta, e, por isso, as preposições codificadores de direcionamento podem, em determinados usos, não ser realizadas. Como pode ser verificado, as ocorrências (11) e (12) exibem construtos com funcionamento semântico-pragmático semelhante aos encontrados em (6), (7) e (8), porque, por meio da realização da microconstrução, os escreventes, de forma bastante subjetiva, enfatizam as avaliações contidas nas afirmações.

Nos padrões construcionais até aqui apresentados, o verbo ao qual “chegar” se associa ocorre sempre no infinitivo, porém nossos dados registram também ocorrências nas quais o verbo auxiliarizado ocorre flexionado, fato que corrobora, ainda mais, para o entendimento do “chegar” como auxiliar não prototípico. Consideramos tais casos como microconstruções distintas de [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA, embora a ela relacionadas. Observemos os exemplos (13), (14), (15) e (16) a seguir:

c) [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] OPERADORA DE ÊNFASE

- (13) sou uma pessoa que não nasceu pra passar raiva, meu corpo chega dói, fica pesado, credo!¹⁴
- (14) Ela chega vai rindo, sabendo que é isso que a mantém nos holofotes¹⁵
- (15) O repórter meu foi fazer a exposição da semana do exército, perguntou o general comandante da região se ele não se... não sente um clima diferente depois de vinte e um anos de repressão... o general gelou não? olhou você estava rindo? ia ser entrevistado, chega fechou a cara não é? mas se saiu como um bom cavalheiro ele. (*Corpus* Projeto NURC/Recife).
- (16) ele tem... ele tem... inteligente, entende muito bem de finanças... mas ele tem perdido boas oportunidades na vida porque não tem título universitário, chega faz pena (*Corpus* Projeto NURC/Recife).
- (17) A cena de eu comendo biscoito maisena, sentada no sofá de babydoll roxo com os cachos nada definidos e assistindo desenho KKKK igualzinho quando eu era criança, minha vó chega foi lá¹⁶

Nos exemplos de (13) a (17), como pode ser verificado, os verbos aos quais o “chegar” está associado ocorrem flexionados, e a relação sintático-semântica estabelecida

¹⁴ Disponível em: <https://twitter.com/gabriellefrts/status/1801006171437830211>.

¹⁵ Disponível em: <https://x.com/queride/status/1776626284354736445>.

¹⁶ Disponível em: <https://x.com/rhayhallen/status/1776625113279898087>.

entre eles não se dá por meio de preposição. Quanto ao próprio verbo “chegar”, ele também ocorre flexionado, porém, nesse tipo de ocorrência, não é capaz assumir outras flexões, ou seja, sempre é realizado na forma “chega”, independentemente do sujeito e da flexão da forma verbal preenchedora do *slot* V_{FLEX}. A concordância, inclusive, apresenta-se sintaticamente ambígua nos casos em que V_{FLEX} está flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, porque se pode pensar que ambos os verbos mantêm relação de concordância com o sujeito, tal como se dá em (13), (14) e (16). Porém, como já dito, o verbo “chegar” se encontra cristalizado na forma “chega”, sendo isso mais evidente em ocorrências como a de (15) e (17). Nesses casos, os verbos “fechar” e “ir”, respectivamente, estão flexionados no pretérito perfeito do indicativo, enquanto o chegar se encontra no presente do indicativo.

No que se refere ao sujeito, ele pode ser linguisticamente realizado ou não. As três seguintes possibilidades foram constatadas na análise de dados: 1) o sujeito pode estar lexicalizado, a exemplo de (13), (14) e (17), respectivamente: “meu corpo”, “ela” e “minha vó”; 2) pode não ser lexicalizado, mas textualmente recuperável, como “general” em (15); e 3) contextualmente recuperável, sendo um “isso” encapsulador subentendido (ou lexicalizado), que remete a uma situação relatada, como em (16): “a perda de boas oportunidades por falta de curso superior”. Faz-se importante destacar que as três possibilidades de sujeito apresentadas não é uma particularidade da microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}], mas optamos por tratar desse aspecto aqui porque consideramos que o terceiro tipo de sujeito pode ter favorecido a cristalização do verbo “chegar” na forma “chega”, sobretudo na microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}], da qual nos ocuparemos em seguida.

Na breve menção que faz a esse tipo de ocorrência do “chegar”, Travaglia (2003) o considera um operador argumentativo e diz que, nessa função, parece aplicar-se apenas a situações. O autor afirma, ainda, que tal uso parece mais regional, sendo de certas regiões do Nordeste. A primeira suposição levantada converge para a posição aqui assumida de que, sob uma perspectiva construcional, na qual se considera todo o entorno sintático, e não apenas o item, como o fez Travaglia (2003), a perda de composicionalidade na relação do “chegar” com o verbo preenchedor do *slot* V_{INF} levou à microconstrução não-resultativa, à qual consideramos ligar-se a microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}]. Sendo também não-resultativa, a microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}], tal como a não-resultativa, não serve à codificação de resultado alcançado decorrente de uma situação, e sim à codificação de ênfase, evidenciando a subjetividade contida na declaração do falante/escrevente acerca de determinada situação.

Nos exemplos de (13) a (16), os falantes e os escreventes relatam uma situação e, por meio da microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}], enfatizam todo o conteúdo relatado, conferindo-lhe maior força argumentativa para o convencimento do interlocutor. Como bem afirma Pezatti (2012, p.84), “a ênfase consiste numa estratégia utilizada pelo Falante para

intensificar, por meios lexicais ou gramaticais, um constituinte ou toda a expressão linguística, visando a atingir seus objetivos comunicativos.” Em (13), “meu corpo chega dói” intensifica toda a declaração do escrevente de que não pode passar raiva. Nesse caso, inclusive, é perceptível que a microconstrução é seguida de outros operadores de ênfase (“fica pesado” e “credo!”) reforçando, ainda mais, a intensificação. Em (14), no comentário sobre a prisão de Greta Thunberg, “ela chega vai rindo” intensifica toda a afirmação de que a ativista se aproveita da prisão para obter projeção midiática. Em (15), “chega fechou a cara” intensifica toda a narrativa sobre o incômodo do general. Em (16), “chega faz pena” intensifica toda a afirmação de que, a despeito da competência que possui, o sobrinho não consegue emprego por não ter curso superior. Em (17), “minha vó chega foi lá” enfatiza todo o conteúdo a respeito do quão especial é a cena relatada pela escrevente.

A partir dos exemplos (14) e (17), vale a pena chamar atenção para o elevado desbotamento semântico sofrido pelo “chegar” como base verbal do padrão construcional, não mais codificando direcionamento para um ponto, o que implica dizer que o verbo preenchedor do *slot* V_{FLEX} não desempenha o papel semântico de meta. Tal fato, como pode ser verificado nos referidos exemplos, permite que o “chegar” se relacione sintático-semanticamente com o verbo “ir”, que, além de expressar deslocamento, expressa-o em sentido contrário ao de “chegar”. Ocorrências desse tipo são muito evidenciadoras do funcionamento enfático da microconstrução.

Tendo a ênfase um caráter atitudinal, ela está estreitamente vinculada à subjetividade na linguagem. Assim sendo, e admitindo a subjetividade como fenômeno gradiente (Traugott e Dasher, 2002), consideramos a microconstrução operadora de ênfase mais subjetiva que a não-resultativa, podendo apresentar-se noutra microconstrução ainda mais subjetiva:

d) [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}] OPERADORA DE ÊNFASE MAIS SUBJETIVA

- (18) eu ando tão cansada e lotada de coisas pra fazer que quando eu paro pra respirar chega eu choro¹⁷
- (19) puts acabei de ver um tweet com uma imagem da amber heard e do johnny deep chega corro dessa treta CHATA¹⁸
- (20) FINALMENTEEEEEEEE !! KRL MANO AHSHSHSHSHSHSHSHS
MDS QUANTA ADRENALINA, QUANTA EMOÇÃO FAZENDO UM
100%
Chega eu pulei da cadeira mano sério, que sensação boa de conseguir depois de tentar bastante, dois em seguida
99% DE SYN.
Falta somente as passagens subterrâneas de NY¹⁹

¹⁷ Disponível em: <https://twitter.com/nojodebv/status/1777762780394742125>.

¹⁸ Disponível em: <https://x.com/edvinrights/status/1146237204810874881>.

¹⁹ Disponível em: https://x.com/Dipper_Katakali/status/1751383084044271918.

(21) Nossa eu vou tomar um banho TÃO gostoso quando chegar em casa..... Chega chorarei²⁰

As ocorrências de (18) a (21) são instanciações da microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}] OPERADORA DE ÊNFASE, que, assim como [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] OPERADORA DE ÊNFASE, também consideramos ligar-se à construção não-resultativa. Contudo, difere de ambas tanto estrutural quanto funcionalmente. Em [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}], o verbo “chegar” ocorre sempre na forma CHEGA, comportando-se morfologicamente como visto em [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}]. Já o sujeito da forma “chega” não mais é identificável, e o *slot* V_{FLEX} só pode ser preenchido por uma forma verbal flexionada em 1ª pessoa. Nesse caso, não se verifica a ambiguidade sintática mencionada anteriormente, haja vista que a diferença de flexão dos verbos impede a dupla interpretação quanto à relação de concordância. As ocorrências investigadas apontam para a impossibilidade de identificação do sujeito de “chega” como resquício dos usos de [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] com sujeito “isso” encapsulador contextualmente subentendido, havendo, aí, a força do processo de analogização.

No que diz respeito à diferença de funcionalidade, consideramos a microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}] não só mais enfática, como também mais subjetiva; afinal de contas, ênfase e subjetividade caminham juntas. Quanto mais enfático é o falante/escritor, mais ele deixa transparecer sua presença naquilo que enuncia. Daí somente formas verbais flexionadas na 1ª pessoa serem licenciadas a preencher o *slot* V_{FLEX(1ªp)}. Como pode ser visto nos exemplos de (18) a (21), os escritores se expressam na 1ª pessoa, flexionando o verbo ocupante do *slot* V_{FLEX(1ªp)} em 1ª pessoa, o que marca a elevada subjetividade do discurso, mas, independentemente disso, o “chegar” se mantém na forma “chega”, cujo sujeito não é identificável. Poderíamos, sem nenhum problema, preencher com o pronome “isso” o *slot* SUJ em ocorrências como as de (11), (12) e (16): isso chega ser sacanagem / isso chega ser cruel / isso chega faz pena, mas o mesmo procedimento é agramatical/inaceitável em ocorrências como as de (18) a (21): isso chega eu choro* / isso chega corro* / *isso chega eu pulei da cadeira* / isso chega chorarei*. Consideramos, então, que, na microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}], o “chegar” encontra-se ainda mais cristalizado, com sua posição argumental de sujeito efetivamente fechada.

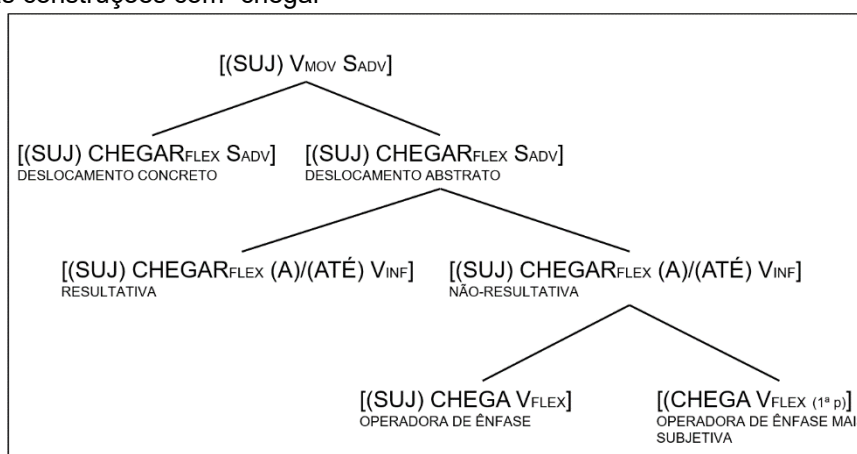
Assim como a outra microconstrução operadora de ênfase, o padrão [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}] enfatiza toda o conteúdo enunciado, e não uma estrutura linguística específica. Em (18), “chega eu choro” enfatiza toda a declaração da escritora sobre seu estado de sobrecarga e cansaço; em (19), “chega corro” intensifica a falta de interesse expressa por determinada polêmica; em (20), “chega eu pulei da cadeira” intensifica toda a declaração do escritor sobre ter exitosamente avançado nas fases do jogo; em (21), “chega chorarei”

²⁰ Disponível em: <https://x.com/masolz/status/1595578068017487872>.

intensifica a declaração do escrevente de desejo por um banho. Como pode ser observado, a intenção de enfatizar dos escreventes pode ser percebida noutros elementos: letras maiúsculas, alongamento de palavras, expressões denotadoras de emoção etc. Ademais, faz-se importante destacar que, nesses casos, devido ao alto grau da microconstrução como operadora de ênfase, o seu sentido dificilmente é literal, ou seja, não há evento de choro, corrida, pulo etc. Por fim, a construção se mostra tão mais distanciada da ideia de resultatividade que até admite o verbo preenchedor do *slot* $V_{FLEX(1^{ª}p)}$ flexionado no futuro, tal como em (21).

Propomos a seguinte rede sintetizadora das relações tecidas:

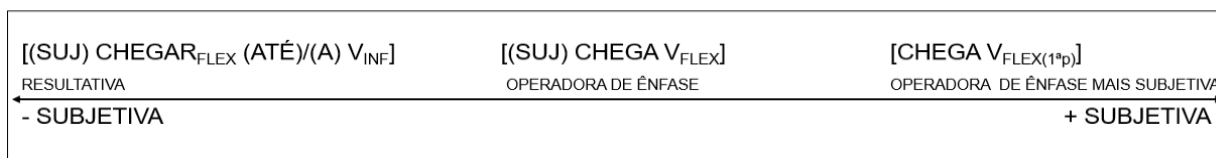
Figura 1- Rede das construções com “chegar”



Fonte: elaborado pelos autores

Nessa figura, observamos que a microconstrução $[(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}]$ não-resultativa sanciona outras microconstruções que funcionam como operadoras de ênfase, dentro de uma gradiência de subjetividade, em que $[CHEGA V_{FLEX(1^{ª}p)}]$ é mais subjetiva que $[(SUJ) CHEGA V_{FLEX}]$. Assumimos, assim, a posição de que as construções passam por um *continuum* de subjetividade, representado na figura 2 a seguir:

Figura 2- Gradiência da subjetividade nas construções investigadas



Fonte: elaborado pelos autores

Considerações finais

Constituiu-se como objetivo da pesquisa investigar, a partir de dados empíricos, comportamentos sintático-semânticos e pragmáticos de construções com o “verbo” chegar para a percepção de possíveis interrelações entre os padrões instanciadores. Diferentemente

dos estudos anteriores referenciados, consideramos que o uso do verbo “chegar” associado a outro verbo no infinitivo nem sempre envolve resultatividade e que o funcionamento não-resultativo é o que se encontra na base da emergência de usos com funcionalidade enfática e, conseqüentemente, mais codificadores de subjetividade. Todavia, embora nossa investigação nos conduza a assumir tal posição, não a assumimos de forma categórica, uma vez que compreendemos que um estudo diacrônico possa ser capaz de confirmar ou refutar pontos da nossa análise. Apesar disso, consideramos que as relações traçadas se apresentam empiricamente possíveis.

Referências

- ABREU, A. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- BORBA, F. **Dicionário gramatical de verbos**: do português contemporâneo do Brasil. São Paulo: Unesp, 1990.
- BORBA, F. **Dicionário de uso do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2006.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CEZÁRIO, M.; CUNHA, M. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.
- CORREIO Braziliense. **Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro**. Brasília, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2024/04/6847305-madonna-chega-ao-brasil-para-show-historico-no-rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DELBECQUE, N. **A linguística cognitiva**: compreender como funciona a linguagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.
- DUQUE, P.; COSTA, M. **Linguística cognitiva**: em busca de uma abordagem de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal: EDUFRN, 2012.
- FERREIRA, A. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Curitiba: Positivo, 2004.
- FORTUNATO, I. V. Análise da estrutura argumental do verbo "chegar" em construções com verbo-suporte. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 30–60, 2011. DOI: 10.14393/DL5-v3n1a2009-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11496>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

- HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press. (2014), p. 233.
- HOPPER, P. **Emergent grammar**. Berkley Linguistics Society, 1987.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- MARQUES, G. **Valores Lexical e gramatical do verbo chegar**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- NEVES, M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2022.
- NEVES, M. **Gramáticas de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, M. Construcionalização e construcionalidade: mudanças construcionais e contextos de mudança linguística. In: ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022.
- ROSCH, E. Cognitive Representations of Semantic Categories. **Journal of Experimental psychology**, General, 104, p. 192-233, 1975.
- PENA-FERREIRA, E. Metáfora e gramaticalização: um estudo do verbo "chegar". In: CONFERENCE ON METAPHOR IN LANGUAGE AND THOUGHT, 3, 2008, Fortaleza. **III Conference on Metaphor in Language and Thought**. Santarém: UFC, 2009. p. 34-34.
- PENA-FERREIRA, E. O processo de auxiliaridade do verbo “chegar”: um olhar funcionalista. **Moara**, v. 30, p. 35-49, 2009.
- PEZATTI, E. Clivagem e construções similares: contraste, foco e ênfase. **Linguística**, v. 28, n. 1, p. 57-72, 2012.
- ROCHA, N.; SOUSA, V. Gramaticalização do item linguístico chegar: analisando um verbo de/em movimento no Português. **id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.13, n. 44. p. 132–147, 2019.
- RAUBER, A. L.; RIBEIRO, M. Chegou aqui...chega delirava! Alguns usos de chegar no português falado - indícios de gramaticalização. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDES, M.C. (org.). **História do português paulista: modelos e análises**. Campinas: Unicamp-Publicações IEL; FAPESP, 2012, v. 3. p. 235-247.
- SANTOS, C.; SILVA, G.; SOUSA, V. Os sentidos do verbo chegar: um estudo preliminar do processo de gramaticalização. **Colóquio do Museu Pedagógico**, Vitória da Conquista, v. 1. p. 3057-3073, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp>.
- TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In : SHOPEN, T. (ed.). **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 36-149.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Petrópolis: Vozes, 2021.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, L. Verbos gramaticais – Verbos em processos de gramaticalização. In: FIGUEIREDO, C. A.; MARTINS, E. S.; TRAVAGLIA, L. C.; MORAES FILHO, W. B. (org.). **Língue(gem): reflexões e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 97-157.

UNGERER, F.; SCHMID, H. **An introduction to cognitive linguistics**. New York: Longman, 1996.

Sobre os autores

Emanuel Cordeiro da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0165-8210>

Possui Graduação (2007) em Letras e Mestrado (2010) e Doutorado (2015) em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. É professor de Linguística da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, atuando nos Cursos de Graduação e no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFPE).

Tais Siqueira do Nascimento

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4258-0157>

Doutoranda em Letras (UFPE), Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPE). Graduada em Licenciatura Plena em Letras (Português/Inglês) pela (UFRPE), na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST).

Vitor Gabriel Silva de Santana

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2307-4280>

Graduando do Curso de Letras Português-Licenciatura da UFPE.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.